

MANUEL DE FIGUEIREDO

DISCURSO II SOBRE A COMÉDIA

ed. Paula Magalhães

2008

1758

## Discurso II

Senhores,

Continuando as reflexões sobre a comédia, direi neste segundo discurso as que me ocorreram sobre as personagens, a unidade e a decência. E, sem outro argumento mais que o da definição, julgo bem refutada a introdução de grandes personagens sobre a cena. Dou este nome não só a reis, aos príncipes, mas a toda a grandeza, a toda a comunidade.

Que cousa é a comédia senão mostrar o ridículo das acções dos homens? Será lícito pôr sobre o teatro, para o objecto do desprezo, a sagrada imagem de um soberano? Não discorro como político, mas sim como filósofo, que conhece que a dignidade do trono, que a elevação do nascimento, que o desvelo da educação, os não isentam das paixões da natureza. Mas se com todos esses defeitos deve estar a nossa veneração, como pede a sociedade civil, se ela se perturba atacando-se qualquer corpo de comunidade em particular, é contra o mesmo fim da comédia, que se dirige a melhorar os costumes, principiar por um desacato ou por uma imprudência, nem as comédias se permitiriam. E que fim teriam os poetas?

Não me digam que o vício é repreensível em qualquer sujeito e que dos de semelhantes personagens resulta não só a alteração dos bons costumes mas a corrupção dos reinos, pois, assim como da tragédia, em que se empregam as pessoas da primeira qualidade, em que se tratam assuntos interessantes a toda a república, a igualdade das paixões faz que a pessoas mais ordinárias conheçam os efeitos e tirem documentos, assim também na comédia, em que figuram as mais inferiores, em que os assuntos são familiares, por essa mesma igualdade tiram as pessoas da primeira qualidade a correcção do vício, os efeitos da moralidade. E se vimos banida pelos maiores sábios do mundo a comédia que atacava um particular, que outra cousa é pôr um rei sobre a cena cómica? Com a escandalosa diferença, porém, que àquele o fazia compatível a equidade e a este o faz venerável a justiça.

Falo diante de vós, e por isso me não detenho em mostrar os erros do teatro em que semelhante extravagância faz cair a muitos cómicos, não dos de inferior nota, imitando por capricho aos primeiros, (a quem ou a ignorância das regras, ou a falta de reflexão, ou talvez algum motivo satírico, obrigaram a pôr semelhantes personagens sobre o teatro), fiados em conseguir pela sua autoridade aquela reputação que tem os erros dos homens grandes, não só tolerados em contemplação das suas belezas, mas obstinadamente seguidos pelos ignorantes, que acham fácil o caminho, não só para igualá-los, mas para excedê-los, quando se empenham em melhorar aqueles lugares em que eles se esqueceram do preceito e da natureza.

Não posso dar-vos maior prova que a de verdes<sup>1</sup> por muitos críticos estimado este monstruoso drama, com um feliz descobrimento que fizeram os modernos, e como um testemunho do quanto eles devem desabusar-nos da veneração que temos aos preciosos modelos que nos deixou a antiguidade. Ela foi sujeita, como todos os séculos,

---

<sup>1</sup> No original: *veres*. Cf. morfo-sintaxe.

àqueles erros inseparáveis da humanidade, e por isso não me servirei de seus exemplos senão quando a razão não chegar a decidir, como evidentemente o faz pelo que toca às unidades da acção, do tempo e do lugar.

Ademais desta infalível demonstração, falam tanto e tão claramente os primeiros mestres sobre a unidade da acção, que nenhuma das belezas do drama serão bastantes a fazer suportável aquele em que ela se não guarda escrupulosamente, considerada a diferença que há entre os que se dirigem a moderar paixões e os que se destinam a melhorar os costumes, que nestes, sem que se torne a fábula episódica, é suportável a digressão que faria languir aqueles, porque a moralidade dos costumes não é tão pronta como a veemência das paixões, e por isso se não arrisca o efeito que deve fazer o primeiro objecto dos poetas.

Quanto à do tempo, como estas observações são outras tantas regras que me prescrevo, estou bem longe de admitir as vinte e quatro horas, nem ainda quaisquer minutos que excedam a representação, porque nunca este arbítrio seria proferido se os preceitos do teatro que hoje temos não fossem posteriores aos poetas dramáticos, nem tolerada neles semelhante liberdade se não tivesse a apologia das belezas com que nos distraem, que eu não devo presumir do meu talento, ou este geral defeito não desse uma idea quase impossível de poder achar no tempo da representação aquela variedade de incidentes precisa, a fazer deleitável a correcção das nossas paixões e dos nossos vícios.

Sem ir contra a liberdade que nos dão os primeiros mestres do teatro, e sem argumentar-lhes com algum dos dramas em que se acha nesta parte quanto é preciso para mostrarmos a natureza sujeita à arte tão venturosamente que não as podemos distinguir, é indesculpável ao poeta cómico o uso daquela licença, porque ninguém é mais senhor da acção que quer representar, nem tem história que seguir, nem carácter que guardar, nem incidente que conserve, nem cena precisa. Da sua imaginação depende toda a economia da fábula, toda a invenção dos caracteres, toda a grandeza da acção, e estou para dizer que observando bem a natureza, pouco mais terá que fazer, que copiar. Ela é tão admirável no ridículo que, com uma penetração regular, quem não encontrará em duas horas de tempo em qualquer dos seus originais, não digo eu um argumento cómico, mas uma comédia com todas as suas partes. E quando a preguiça obrigue aos poetas a atropelar por algumas das regras, julgo menos culpável o que por salvar a unidade de tempo se valha, com prudência, do necessário, que aquele que, por conservar o verosímil, se autorize com a liberdade das vinte e quatro horas.

A unidade do lugar, se não houvera exemplos, parecia bem incompatível com o juízo dos homens que lhes viesse à imaginação questionar sobre se era indispensável no teatro. Confesso que nem as transformações da Eneida, os hipérbolos de Botelho<sup>2</sup>, as visões de Milton, me deram idea tão bizarra do atrevimento poético, como a falta da unidade de lugar que vejo nos dramas. Que sonho pode ter comparação com a quimera de nos quererem os cómicos, sem nos movermos de um lugar, fazer ver no mesmo terreno, agora uma casa, agora um jardim, agora uma praça, agora uma prisão, agora um bosque, agora um rio? Que metamorfose mais admirável? Que conto de velhos, que divertimento de rapaz? Não estranheis se me não admiro mais de ver, por exemplo, Roma, Pequim e Constantinopla na representação de uma Comedia. Tão mágico me parece figurarem-me nesta casa o Rossio, como a Praça de Madrid, transformarem-na naquele gabinete imediato, como na casa do vizinho defronte. Não discorro com os

---

<sup>2</sup> Manuel de Figueiredo talvez se refira ao poeta barroco brasileiro Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711). Natural da cidade da Bahia, estudou direito em Coimbra. De acordo com o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva, “*os versos deste poeta, conquanto escritos no gosto dominante, são menos evadidos dos vícios do gongorismo do que geralmente se observa nos seus contemporâneos. Distinguem-se por alguns rasgos de originalidade e pelo colorido local; e a linguagem é pura, correcta e harmoniosa*”;

olhos no teatro espanhol, que de umas cortinas de fulié<sup>3</sup> me faz ora admiráveis quadros, ora luzidos cristais, e de quatro tábuas mal unidas um delicioso passeio, um caudaloso rio de um pedaço de velillo<sup>4</sup>, que de passarem por detrás de dois palmos de cortina já fizeram o dilatado caminho do quartel de uma Cidade. Falo dos poetas, não dos teatros.

Grande crítica me formarão, contudo, aqueles que lembrados de alguns autores que escreveram sobre as máquinas, que não foram os que entenderam menos a economia das fábulas, disserem que eles se detiveram mais em dar arbítrios para se figurarem em diferentes partes do teatro as diversas vistas, de que depende o drama, do que em refutar a prática de os fazer dependentes da incomodidade e inverosimilhança das mutações. Bela razão de diferença me ocorria se eu me não rira daqueles que, fazendo os poetas infalíveis, são tão escrupulosos do juízo e inteligência própria, que enquanto não acham em Virgílio o pensamento que lhes ocorreu, se não atrevem a fia-lo do papel, se é que se não livram melhor desse trabalho copiando-o, não fazendo reflexão em que repetirmos o que disseram outros nos não dá mais crédito que o de aplicados, e deixando de ver o quanto tem sido prejudicial às ciências a obstinação de procurar-lhes o fim debaixo dos mesmos princípios, ainda menos abstractos.

A cena deve ser imóvel. Fora mais escrupuloso em proferir absoluta esta proposição se foram em todas as mais partes reguladores as comédias, em que falta a observação deste preceito, e se não tiveram tanto que desculpar e que suprir, que me não pareça que nada perderam os espectadores na falta daquelas belezas, considerando a verdade da imitação que, quando não fora mais que pela facilidade da representação e pela que dá a inteligência do drama, era sumamente considerável para a utilidade pública. Digam o que quiserem os que vão ao teatro para se deleitarem em pintura.

Diverte-nos a vista de um jardim, um e outro dia, entretém-nos uma e outra noite a uniformidade de um baile, a habilidade de um dançador de corda nos leva muitas tardes, e até as pelotas de um andaluz encham as praças de gentes. E não há-de poder um homem, com toda a sua imaginação, com toda a força da elegância, com toda a propensão que temos à crítica, com o socorro dos figurões que põem no teatro, fazer-nos passar agradavelmente duas ou três horas de tempo, sem obrigar-nos a uma cegueira tão repugnante, a uma inverosimilhança tão grosseira.

Se os cómicos lessem mais pela natureza que pelos livros, se compusessem os dramas, não nos seus gabinetes mas nas casas de intriga que eu conheci ou talvez na minha, se conhecessem o fino ridículo, como não cairiam nestes erros? Como por si mesmos veriam não só inútil, mas prejudicial ao interesse dos espectadores, pôr diante dos olhos muitas coisas que nos lisonjeariam mais com aquela natural satisfação que temos quando se justifica a nossa presunção. E quanto esta unidade concorra para se guardarem a da acção e a do tempo, é tão evidente que ofenderia a vossa compreensão, se me detivesse na menor ponderação.

Inútil parecerá, talvez, falar na decência, porque se não deve presumir que falte a ela aquele que se propõe corrigir o vício e emendar costumes, mas a diferença dos tempos, a que há entre as nações, conservando umas quaisquer singelezas dos primeiros séculos, usando-as outras como liberdades, sendo algumas menos estóicas do que outras no uso das línguas, e autorizando a preocupação ainda, em reinos polidos, certos costumes que lhes deixaram os bárbaros, é certamente a decência o que há de mais importante na comédia, principalmente entre nós, que temos refinado a modéstia de sorte que ofende a sociedade, purificando a língua de maneira que nos não entendemos,

---

<sup>3</sup> Manuel de Figueiredo refere-se, possivelmente, a alguma qualidade de tecido ou outro material, pouco valorizado.

<sup>4</sup> O autor talvez se refira a *velillo*, que segundo o dicionário da *Real Academia Española* significa “*tela muy delgada y rala, confeccionada con algunas flores de hilo de plata*”;

e puxando os cumprimentos a tal extremo, que metemos um homem por cima de um monte de lama só por lhe não dar a esquerda.

Se escrevêssemos naquele tempo, em que os filósofos, os oradores, a religião e os políticos aprendiam dos poetas, mais culpável seria o descuido, que eles têm geralmente, em se não lembrarem do prejuízo que fazem à república, na liberdade com que tratam os olhos e os ouvidos dos espectadores, mas sem questionar se aquela falta de veneração veio da corrupção dos séculos ou dos poetas, e se a idea que hoje se faz da poesia nos pode lisonjear de que alguém se não envergonhe de tirar documentos das lições de um poeta, não pode deixar de culpar-se-lhe a falta de circumspecção na indecência das cenas e das palavras.

O que em Paris é civilidade, é desaforo em Portugal, o que ali é cumprimento, aqui é namoração, o que lá é obséquio, aqui fora insulto, o que lá parecia escandaloso, aqui é de cerimonial, o que tratam os franceses de bagatela, fazem os portugueses ponto de honra. Não é próprio legislador o poeta para decidir nestas circunstancias de carácter de uma nação, ainda que a filosofia lhe forneça admiráveis argumentos, porque ademais de chocar com todos, quando a razão necessita de estímulos, querendo evitar um mal caímos em outro pior, como eu tenho visto em algumas casas honestas portuguesas, que querendo viver à francesa escandalizam os mesmos amantes da liberdade.

O costume é tão poderoso que atropela a razão e a virtude está tão perto do vício que se deve temer o excesso, por isso tudo, o que for em benefício da modéstia será conforme aos bons costumes. Evite o poeta as cenas patéticas de mão a mão entre os amantes e, quando sejam precisas, trate-as com a mais escrupulosa decência. Quanto à honestidade dos gestos, como à moleza das palavras, aqui é que eu lhe louvarei que não consulte, quero dizer, que melhore a natureza. Se uma pintura impudica, se um escrito livre é bastante estímulo à nossa fragilidade, que serão as imagens vivas? Se a brutalidade de um rústico sabe evitar na educação dos filhos semelhantes prejuízos, há de faze-los patentes um mestre de costumes? Se a nossa nação se escandaliza mais das palavras que dos conceitos seria uma indecência usar de termos que ela julga mal soantes, não falo dos que nos dão ideas impudicas, mas ainda daqueles que o uso tem reputado grosseiros, suposto que nisso haja preocupação ignorante.

A decência, em quanto diz respeito ao vício, deve fazer o primeiro cuidado do poeta, pois dela depende tanto a instrução dos espectadores e o fim da comédia, que em qualquer dos seus actores que se falte a ela, se perverteu inteiramente a moralidade. Não devemos repreender um vício com a aprovação de outro, não devemos autorizar um pródigo para fazer odioso um miserável, todas as provas que trouxermos para refutar o vício devem ser virtuosas, tiradas da justiça e da razão.

O carácter do avaro é justamente o mais odioso a todo o mundo, porque semelhante vício aparta os homens de todos os virtuosos efeitos da humanidade. Ele abandona os filhos, ele maltrata a esposa, ele foge da sociedade, ele não se entenece com as maiores aflições do próximo, mas se nós, para castigarmos este defeito, aprovarmos o furto, aprovarmos a aleivosia, não seremos repreensíveis e mesmo prejudiciais?

Pois que outra coisa é pôr na cena, por exemplo, um filho conluiado com o criado de um velho, ministrando-lhe, no vinho ou nas iguarias, aquela porção de ópio para o meter em um letargo, prescindindo de que possa tirar-lhe a vida, mas sim que lhe dê bastante tempo para lhe roubarem os tesouros e fugirem com o dinheiro? O gosto que semelhante maldade causa aos espectadores e o riso com que celebramos a desesperação do avaro, nos faz reputar aquele insulto do filho e do servo como um gracioso chasco, e desperta, nos que se acham no mesmo caso, a idea que, ou o respeito ou o temor lhe não sugeriam, ou lha não deixavam pôr em prática. Não sei se deste, e semelhantes exemplos, se seguirá refinar mais os avaros do que extingui-los e não sei se fora melhor

que os houvesse, do que facilitar os outros vícios. Assim discorro de todos os que podem ser assunto cómico.

Na mesma providência temos mil modos de castigar estes aborrecidos homens, ou com a fraqueza da paixão amante, ou com o desejo de aumentar os cabedais, etc., porque não tendo eles contra quem clamar mais do que contra si, pondo os olhos na providência, atribuem unicamente a castigo da sua maldade aquelas infelicidades. E por estes decentes modos é que o poeta deve repreender o vício, porque lhe não suceda que, querendo evitar um, nos faça cair em outros piores.

30 Setembro de 1758.